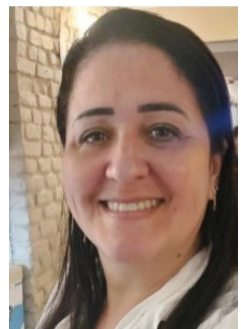


## Capítulo 20

# MEMORIAL

**Joelma Carvalho da Conceição Molinaro**



A história é feita com o tempo, com a experiência  
do homem, suas histórias, com suas memórias...

Guilherme do Val Toledo Prado



**M**e chamo Joelma Carvalho da Conceição Molinaro. Nasci no dia 11 de junho de 1975. Sou a caçula e temporã de uma família com cinco irmãos (quatro moças e um rapaz). Sou professora, pedagoga e casada com Francesco Molinaro, um imigrante italiano. Tenho três filhos Gustavo e os gêmeos Maurício e Rodrigo.

Meus pais, hoje falecidos, nasceram no interior do Rio de Janeiro, na cidade de Campos dos Goytacazes. Meu pai, homem rigoroso, de origem pobre, estudara até o antigo 4º ano do 1º grau, servira ao Exército Brasileiro quando jovem e tornara-se comerciante. Minha mãe, Maria Delma Carvalho da Conceição, uma jovem de família humilde, quando criança trabalhou nas lavouras de cana de açúcar da região.

Buscando melhorar de vida veio para a cidade do Rio de Janeiro aos 14 anos, para trabalhar como doméstica em “casas de família” Na época, não existia a CLT, os direitos, as normativas do 1º emprego para o jovem. Mesmo assim, com orgulho ela dizia que aprendeu muito nas casas em que trabalhou: a cuidar de uma casa, cozinhar e, futuramente, criar seus filhos. Casou-se aos 16 anos, cuidou da família, do lar e trabalhou no comércio deles até um dia antes do meu nascimento. Criou os filhos, dando-lhes a formação até o Ensino Médio. Minhas irmãs trabalharam muito na loja em parte do dia e, no contraturno, estudavam.

Iniciei meus primeiros passos na escola no ano de 1979, aos 4 anos de idade no Jardim de Infância do Instituto Padre Leonardo Carrescia, uma escola particular, de freiras e muito tradicional, onde estudei até o Ensino Médio. Lembro-me das salas do Jardim de Infância, a disposição das mesas para 4 crianças, a “tia” aquela que era a professora da turma de semblante rigoroso, de alguns colegas, das brincadeiras do pátio, do escorrega, do gira-gira, do lanche... Era tudo tão bonito, tão lúdico.

Certa vez, passei por um episódio triste, na escola. Um colega derramou sua bebida sobre a mesa, na hora do lanche. A professora perguntou quem fizera isso e ele, um menino, loiro, olhos claros, rapidamente me culpou. Embora eu dissesse que não tinha sido eu, ele insistiu e ela acreditou nele. Deu meu refrigerante a ele. Senti muito medo. Adquiri a primeira impressão negativa que uma criança não deveria ter em uma pré-escola. Em seguida, pedi para ir ao banheiro, a “tia” não deixou. Não consegui me segurar, até o horário da saída. Meus pais sempre iam me buscar de carro e me perguntaram o que houve, sentiram o mal cheiro. Chegando em casa, minha mãe me deu banho, me deixou limpa e a noite passei mal, tive febre, tendo que ser levada ao hospital. Não me lembro ao certo qual atitude meus pais tomaram com relação a escola. Sei que continuei naquela turma, com a mesma professora. Segui neste colégio até os 17 anos, quando me formei professora. Acredito que situações como essa marcam a história de vida de uma criança, em sua trajetória escolar.

No ano seguinte, na antiga Classe de Alfabetização, me familiarizei um pouco mais com o mundo da leitura e da escrita. Vieram os 1º, 2º, 3º e 4º ano do Ensino Fundamental. Lembro-me que, em uma das provas, a pergunta era sobre o nome do Presidente do Brasil: João Figueiredo, o último da ditadura militar. Depois dele, vieram as Eleições Diretas onde a população elegia o seu candidato.

Eu gostava da escola e das aulas. Sofri com brincadeiras das colegas que tinham seus cabelos lisinhos e implicavam com o meu cabelo, crespo, principalmente, quando estávamos em forma. Era a manifestação do Bullying, mas naquela época ainda não tinha esse nome. O que sei é que essas brincadeiras indevidas dos colegas, me fragilizavam.

Certa vez, recebemos em nossa casa, um tio que era irmão de meu pai. Estava adoentado e minha mãe iria cuidar dele. Era analfabeto. Eu era criança, mas me lembro de ter tentado ensinar-lhe o alfabeto, algumas palavras, a ler. Lembro me com carinho que talvez tenha sido o meu primeiro aluno.

No Ensino Médio, resolvi cursar o antigo Curso Normal – Curso de Formação de Professores. Meu estágio foi no próprio colégio em que estudava, em turmas de 1º ao 4º ano na época.

Cursei Pedagogia na Universidade Estácio de Sá. Fiz estágios em escolas particulares, municipais, no Instituto de Educação do RJ, atual ISERJ. Participei de um projeto da UNESA sobre o Educador e a ressignificação de sua Práxis Pedagógica. Estagiei também em uma das 10 Coordenadorias Regionais de Desenvolvimento Social – CR 3.1 na área do Méier, órgão da Prefeitura. Me formei, com o intuito de colaborar para a transformação de muitas realidades. Com a certeza de que eu teria a “escuta” tão importante e justa para com os meus alunos e companheiros.

Ao final do período e após a conclusão da Pedagogia, fui contratada como supervisora das creches comunitárias da região do Méier, Engenho de Dentro, Piedade, Riachuelo. Sempre me dediquei à formação e então, participava de encontros de formação pelo Rotary Clube, pelo Lions Clube da Ilha do Governador. Passados dois anos fui convidada a assessorar a gerente do programa Rio Creche da SMDS, que abrangia as CR 1.0 do centro da Cidade até a CR 5.3 área de Santa Cruz. Conheci o trabalho das creches de todo o município, participei do programa de recrutamento e seleção de recreadores das capacitações, dos processos de implantação de creches pelo Programa Favela Bairro e das prestações de contas do Programa Rio Creche.

Conheci a realidade precária da vida dos funcionários e das pessoas que precisavam deixar seus filhos nas unidades para trabalhar; as exigências do poder público e as dicotomias existentes. A Educação é um direito de todos, prevista na Constituição Federal e, em sendo para todos, é precípua desenvolver um trabalho

de qualidade independentemente da classe social do aluno/educando, da raça ou religião.

Acredito que, não é porque o serviço é para uma criança pobre economicamente, que se deve oferecer qualquer coisa, mas sim alimentação adequada às fases de desenvolvimento com a supervisão das nutricionistas, atividades pedagógicas voltadas para as faixas etárias, encontros com as famílias, parcerias em redes de serviço, reuniões com os demais supervisores de outras Coordenadorias da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Tive muitos parceiros, profissionais sérios na gestão do serviço que me orientavam na prática. Esse universo me cativou. Dialoguei, aprendi, desenvolvi o saber, a teoria. A prática estava sendo construída. Conquistei a amizade de pessoas que se tornaram indissociáveis de minha vida.

Paralelo ao trabalho na Prefeitura, fui diretora de uma Escola Montessoriana no bairro de Piedade RJ. Conhecer e me integrar ao método, foi o meu primeiro objetivo. Aos poucos fui me aprimorando, lidando com os anseios de uma equipe e dos responsáveis, entendendo na prática o “fazer” com os alunos especiais e os ‘ditos normais’ em turmas mistas. Foi uma experiência significativa em minha vida.

Posteriormente, durante dois anos atuei como Técnico Educacional em um Projeto de Iniciação ao Mercado de Trabalho, com jovens das comunidades de Del Castilho na Cruzada do Menor, ONG do 3º setor. Nesta época, também me casei e nasceu o meu primogênito. Nos 4 anos seguintes, assumi o cargo de Coordenadora Geral desta unidade, com aproximadamente 500 atendimentos no programa de Creche / Adolescentes / Idosos, orientação ao trabalho com as famílias, prestação de contas e captação de recursos. Era preciso colaborar para a concretização das metas da Organização e trabalhar para que as pessoas acreditassem que era possível superar suas adversidades. Ressalto aqui, o aspecto humano não desencilhado de uma ação técnica.

Prestei concurso público para a Prefeitura municipal de Niterói, Rio de Janeiro. Fui classificada, convocada a assumir o cargo de docente nos Anos Iniciais, mas desisti em função de ter um filho pequeno e de ter um cargo de confiança na referida obra. Era o meu pensamento naquela época e pouco tempo depois, veio o desligamento de muitos colaboradores e, inclusive eu tinha o meu nome na lista. Perdi o trabalho e a oportunidade de estar inserida de fato, no serviço público

Em busca de aperfeiçoamento, cursei o MBA Educação Corporativa: O Treinamento e o Desenvolvimento na Organizações, curso de Especialização, na Universidade Veiga de Almeida. Realizei também o curso de Gestão de Projetos pelo PMI – The Project Management Institute.

Na Inspeção São João Bosco da Rede Salesiana de Assistência, coordenei por 4 anos o Centro Juvenil Salesiano do Rio de Janeiro. Um reencontro com

Deus. Obra católica tendo como meta, orientar crianças e jovens de 7 a 15 anos, em oficinas socioeducativas, no contraturno escolar. Um espaço para a socialização, para o diálogo sobre a juventude, para a religiosidade e a possibilidade de encaminhamento para o CESAM – Centro Salesiano do Menor, que também era uma obra da ISJB com vistas ao 1º emprego com Carteira de Trabalho assinada. O meu “fazer” técnico me remetia ao passado, ao que soubera da vida laborativa de minha mãe quando jovem e ainda criança.

Dispomos de uma Constituição Federal, de órgãos fiscalizadores e, infelizmente, nos deparamos com situações que ferem o princípio da dignidade humana. Tenho em mim, uma busca incessante pelos direitos e deveres, seja na área Social, na Saúde, na Educação. Penso que para termos dignidade é mister uma educação de qualidade, em que desenvolvemos com as crianças valores como ética, respeito e cidadania.

Muitas vezes, para o jovem é difícil falar de cidadania quando a fome “bate à sua porta” e ele se depara com ofertas por vezes ilícitas, mas imediatas em sua comunidade, uma vez que lhe trarão alívio em suas necessidades. As Redes de apoio são relevantes pois, através delas se pode contar com espaços de troca de informações, ofertas de trabalhos, auxílios emergenciais, movimentos que empoderem as pessoas. Gratificante essa experiência, de aprendizagem constante, em um processo dialético de transformação. Aprendi e ensinei, colaborei para uma vida melhor de crianças, jovens, idosos e suas famílias e, dos meus colaboradores. Nesta mesma época, tive filhos gêmeos, fui abençoada por me tornar mãe mais uma vez, só que agora de dois meninos.

Caminhei e ao longo do caminho me deparei com as conquistas e com as frustrações. Nem sempre acertei, mas sei que o erro faz parte da vida, que só erra aquele que tenta e que ajuda muito no nosso crescimento. Sou grata a todos que dividiram comigo essa jornada. Grata até mesmo aqueles que tive que dispensar por não agregarem naquele instante aos propósitos de tais obras.

Decidi retornar à Educação. Prestei o concurso para Oficial Temporário da Força Aérea Brasileira. Computei o maior somatório de pontos. Já havia tentado para a Marinha do Brasil, mas não obtive êxito. Participei do treinamento militar em uma turma de Médicos, Dentistas e Farmacêuticos onde eu era a única Pedagoga, por motivo de trâmites no processo seletivo. Conheci profissionais militares que me treinaram e candidatos da área da Saúde da Turma QUIRON. A eles, gratidão!

Conhecemos a história da FAB, sua missão, o Estado Maior, as formas de tratamento, os protocolos, a Defesa, o “Estar de Serviço”, o lidar com armamentos, as punições e detenções, a história da mulher nas forças armadas, os “bizus”, a hierarquia e disciplina que vão, desde o uniforme do dia até a forma de tratamento

a um Oficial superior. Em 08 de fevereiro de 2012, entrei para o Quadro de Militares da Ativa da Força Aérea Brasileira. Conheceria então, em qual repartição trabalhar.

Mas qual papel desempenhar na FAB? Em que uma pedagoga poderia agregar?

No dia 09 de abril do mesmo ano me apresentei no COLÉGIO BRIGADEIRO NEWTON BRAGA, escola da Força Aérea, unidade do III COMAR, Comando Aéreo Regional. O atendimento vai do 1º ano do Ensino Fundamental I ao 3º ano do Ensino Médio. Uma escola pública tradicional com professores da esfera militar e civil, muitos professores efetivos e outros temporários. O Colégio atende filhos de militares e de civis das comunidades do entorno. Fui recebida pela coordenadora dos Anos Iniciais, pelo Gestor militar e pela Oficial Tenente mais antiga.

Aos poucos fui conhecendo a rotina do trabalho. Fui apresentada as três turmas do 4º ano de escolaridade onde eu seria docente, responsável pela disciplina Matemática. Espantoso? Sim. Desafiador. Nós, professores temos que estar em constante formação. Estudei para me planejar, buscava apoio na coordenação e nos pares. Ao entrar nas salas de aula e me apresentar aos meus alunos, vi seus olhos brilhando, percebi esperança para aquelas turmas que ainda naquele ano não haviam conhecido a professora de matemática. O vínculo foi se estabelecendo entre nós e os responsáveis. Gratificante. Trabalhamos os conteúdos de forma lúdica, trabalhamos a disciplina com prazer e reconhecemos que ela está presente em nossa vida. Além disso, a matemática era trabalhada em um contexto bem próximo da vida e das outras disciplinas.

Acompanhei essas turmas no ano seguinte. Ministrei aulas, me utilizei da “escuta ativa” para os problemas que aquelas crianças poderiam ter. Destaco a parceria com o Serviço de Orientação da escola. Ação que nos facilita o nosso olhar pedagógico. Em meio a tirar serviço trabalhando com adultos, executando comandos às tropas que era ação objetiva e, por vezes, tensa, eu dispunha desse outro momento que me trazia tamanha satisfação pela aprendizagem das ‘minhas crianças’.

Trabalhei por 5 anos nos Anos Iniciais da escola. No sexto ano do meu período, fui convidada a participar efetivamente do Projeto Tirando Dúvidas & Sanando Dúvidas. Projeto este organizado para o trabalho com quatro turmas especiais de alunos com dificuldade no rendimento escolar. No início, atuei em aulas de apoio de Língua Portuguesa e participava das reuniões do Projeto. Infelizmente precisei deixar as turmas em que atuava nos Anos Iniciais.

Atuando no projeto, participei de reuniões de equipe, realizei dinâmicas de grupo e trabalhei na orientação pedagógica buscando desenvolver um clima de afetividade junto aos alunos. Esse trabalho abordou aspectos como: comportamen-

to, absenteísmo, avaliações, acompanhamento médico, dentre outros. Realizamos muitos encontros com as famílias.

O Projeto foi desenvolvido em parceria com a Enfermagem do Colégio; com o setor de Psicologia; com as professoras Eliane Carrapateira e prof Samira. Tivemos momentos que utilizamos as técnicas de respiração e concentração, conversas com o Juizado da 1ª Vara da Infância e da Adolescência, com a Base Aérea do Galeão para almoço no rancho, dentre outros. Algumas palestras que focavam os Direitos e Deveres, a Constituição Federal, a Paternidade e Maternidade, drogas, Diversidade e outros.

As demandas do Projeto foram se ampliando e percebemos a necessidade de inclusão de alunos especiais. Isto nos fez buscar parcerias com instituições como a UFRJ de modo que a inclusão se desse efetivamente e não apenas no ato da matrícula. A cada atendimento, a cada êxito diante das orientações, a cada lágrima derramada de alegria e de superação, pude sentir como se uma premiação batesse forte no peito junto ao coração, pela consciência de ter feito o melhor para transformar tais realidades, concomitante ao trabalho de toda uma equipe multidisciplinar.

No CBNB tive a oportunidade de me aprimorar. Participei de Encontros como o BETT EDUCAR em SP no ano de 2019; capacitação na área de Educação pela Marinha do Brasil; Curso sobre Mediação de Conflitos pela ESAJ – Escola de Administração Judiciária. Atuei como membro da Banca de examinadora de Concursos para Oficiais da FAB por 4 períodos, participei do efetivo de militares nos concursos para inserção de alunos no CBNB. Cursei também a título de mestrado, a disciplina eletiva Ciências da Natureza pelo CAP UERJ – Programa PPGEb. Na UFRJ, participei de encontros semanais como ouvinte, durante 1 semestre, acerca do tema Inclusão, políticas educacionais de atendimento ao aluno com deficiência, didática omnilética e processos de avaliação.

Percebi que durante o período em que estive na Força Aérea Brasileira, tive a oportunidade de desenvolver um trabalho pedagógico e também social. Esse trabalho foi desenvolvido com profissionalismo e respeito ao público atendido, aos meus superiores hierárquicos e aos meus pares, civis e militares. Tendo se encerrado no início de 2020, bem no início da pandemia do Corona Vírus. Naquele instante decidi olhar, cuidar de minha família. Estou certa de que, quando toda essa doença acabar, que todos estejam vacinados, alcançarei uma nova função tão gratificante quanto as que já tive, pois acredito que o papel da educação é transformar vidas.

Este memorial retrata a minha vida. Esta que se inspirou no exemplo de minha mãe. No bom trato que tinha com as pessoas, no amor ao próximo e no fazer bem tudo o que se propõe. Apesar de pouca escolaridade, tinha EDUCAÇÃO



pois tinha amor e adorava ler. Minha homenagem com muito amor àquela que nos deixou no dia 01/04/21.

